

APARIÇÃO E VAGALUME: LUZES DO PASSADO-PRESENTE

RENAN SOARES¹; HELENE GOMES SACCO² MARTHA GOMES DE FREITAS³

¹ Universidade Federal de Pelotas – alpha-rs@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas - marthagofre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é o recorte de uma investigação poética, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPEL, sob orientação da Profa. Dra. Helene Gomes Sacco e co-orientação da Profa. Dra. Martha Gomes de Freitas. Minha produção como um todo se pauta na investigação das sombras, a procura de ideias, conceitos e principalmente, visualidades que elas nos possibilitam.

Busco tecer através dessas visualidades relações micropolíticas, históricas e contemporâneas. Os trabalhos mais recentes tratam dos corpos negros como homem sombra ou in/visível, relacionando a luz e o excesso de claridade à uma ideia de apagamento em detrimento à aquilo que é escuro, enfatizando um processo histórico de embranquecimento. Algo que acabou sendo muito marcante para mim, vindo de outro estado do Brasil, para viver no Rio Grande do Sul.

Nesse sentido desenvolvi alguns trabalhos, dos quais apresentarei dois deles resumidamente aqui neste texto, para propor uma reflexão sobre as relações que esses trabalhos nos permitem tecer em função dos processos de apagamento ou revelação de determinada memória. Os dois trabalhos que escolhi apresentar são *Aparição* e *Vagalume*, esculturas que são complementadas, cada uma, por uma performance traçando uma intersecção entre linguagens para pensar sobre as percepções despertadas pela relação dos elementos escolhidos - ferro, carrinho de mão e vela, acionados pela caminhada de performers negros. Algo comum entre os dois trabalhos é que eles tratam de diferentes maneiras de homens negros, vagantes e portadores de uma fonte de luz.

Em suma, abordarei os trabalhos a partir de uma discussão sobre visibilidade dos corpos negros e como essas esculturas performadas nos permitem refletir sobre problemas do passado ainda latentes no presente. Esse processo poético é perpassado por uma reflexão teórica, e traz apontamentos feitos por Didi-Huberman (2020), que utiliza a imagem dos vagalumes como metáfora para pensarmos uma luz ínfima de resistência e resiliência do pensamento diante das luzes ofuscantes dos holofotes dos shows políticos e midiáticos. Também trago o pensamento de Andreas Huyssen que aborda obras dos artistas Nalini Malani e William Kentridge para discutir formas de reviver diretamente a memória de um passado traumático da nossa história a partir da ideia de sombra.

2. METODOLOGIA

Aparição é composto por um conjunto de quatro peças em ferro preto com um formato que se encaixa nos ombros para serem carregados, cada uma por um homem negro (performers). As peças funcionam como um castiçal, na extremidade de cada uma delas, em direções diferentes, são postas velas acesas. Os homens portando as peças nos ombros caminham pelo espaço expositivo por cerca de uma hora ou até que as velas se apaguem, em seguida instalam as peças em pedestais. A ação dos performers acontece apenas uma vez, depois disso o que permanece no espaço expositivo são somente as peças de ferro e os resíduos da parafina.



Renan Soares. *Aparição*, 2021. Ferro, vela e quatro homens negros. Fonte: Acervo Pessoal

O outro trabalho, intitulado *Vagalume*, é formado por um carrinho de mão, um instrumento típico do trabalhador que atua na construção civil, ou mesmo rural, objeto popular que auxilia no carregamento de peso e está ligado a uma lógica de trabalho, e que por si só acarreta uma série de sentidos à obra. Sobre esse carrinho é inserida uma estrutura de ferro em formato triangular que serve como suporte para cerca de 40 velas. A ação que complementa essa escultura é um percurso realizado por um performer carregando esse carrinho pelo espaço expositivo e pela cidade, até que as velas se apaguem ou até que ele retorne ao ponto de partida depositando novamente o carrinho, já com as velas desgastadas, no ambiente da mostra.



Renan Soares. *Vagalume*, 2021. Carrinho de mão, ferro, velas e homem negro. Fonte: Acervo Pessoal

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Aparição*, as peças de ferros são projetadas buscando uma iluminação parcial do corpo, sozinhas, funcionam quase como objetos ritualísticos. A performance nesse sentido propõe evidenciar um contexto que se refere aos sujeitos que estão ligados às sombras, o ato de acender as velas e caminhar portando a luz sobre os próprios ombros, busca fazer ver esses sujeitos, mostrar e “aparecer” não pela ínfima luz da vela, mas pelas sombras, como uma espécie de manifestação (nos diversos sentidos dessa palavra). Dessa forma, esses sujeitos (performers) percorrem o espaço enquanto fantasmagorias, como aparições, projetando suas sombras distorcidas e alongadas nas paredes brancas do espaço expositivo, numa espécie de invocação da presença do corpo negro.

No entanto, o ferro usado para as peças, o fogo proeminente da vela e as duas coisas sobre esse corpo, nos remetem a um processo penoso e violento. Como destaca o historiador Assumpção ao analisar o processo de escravidão em Pelotas, sublinhando que o ferro em brasa foi um instrumento utilizado para punir os negros escravizados que fugiam.(ASSUMPÇÃO, 2013, p.177). Essa relação ferro, fogo e corpo negro é algo que acaba por aparecer nesse trabalho e nos desperta justamente a memória de um passado traumático. O trabalho ao produzir essa imagem tende a dialogar justamente com aspectos da nossa história que nos remontam ao período de escravidão, nos provocando uma reflexão de quais aspectos desse passado ainda estão presentes no contemporâneo?

Já o trabalho *Vagalume*, assim como *Aparição*, traz também muitos aspectos importantes para pensarmos nesse sujeito que foi historicamente posto nas sombras. O vagar desse sujeito pela cidade à noite é penoso. A passos lentos, tentando equilibrar e cuidar das velas, percorre cantos escuros e inóspitos da cidade, como um Exu mensageiro, ou como Carote que carrega as almas para o submundo. Esse sujeito nos oferece a imagem de um vagalume e nos sugere ser a procissão de um homem só que roga, num singelo silêncio, sozinho à noite. O carrinho de mão nesse sentido enfatiza a ideia de uma tarefa, esse homem que caminha pela noite foi, portanto, designado para levar luz, iluminando parcialmente a cidade. Agindo, assim como na leitura de Didi-Huberman, como um singelo vagalume que resiste ao apagamento em diferentes contextos histórico e social.

Ao analisar obras de artistas que também trabalham pesquisando a visualidade e conceitos nas sombras, Huyssen destaca que:

Nos trabalhos de Nalini Malani e William Kentridge, o teatro de sombras transfigura-se num meio de memória e intervenção política. Eles inventaram formas singulares desse jogo de sombras, não para representar passados traumáticos, mas para criar um lampejo de reconhecimento no Agora.(HUYSEN, 2014, 59)

Esse apontamento do autor abre possibilidades de leitura para esses trabalhos, no sentido que eles podem agir como um lampejo de memórias, para pensarmos poeticamente sobre processos que deixaram marcas ainda latentes, a exemplo da

escravidão no Brasil, que produziu uma espécie de sujeitos que, como poderia dizer Ricardo Aleixo são vistos hoje como, “o Sombra amanhã o Homem in visível sexta a noite o perigoso Ninguém”. (ALEIXO, 2018) totalmente estigmatizados pela sociedade. Os trabalhos, ao trazerem os corpos negros e os aproximar da ideia de visibilidade a partir da sombra, tomam em conta aquilo que ao mesmo tempo vela e revela, o que é apagado, mas que tende a encontrar maneiras de se manifestar. Seja pela luz infima de muitas velas, ou mesmo por sombras alongadas, eles são capazes de propor resignificações para o modo como entendemos o ser negro no contemporâneo, e como isso esta diretamente ligado a um processo histórico.

4. CONCLUSÕES

Aparição e Vagalume, assim como uma sombra produzem imagens ambíguas. Pois ao mesmo tempo que remetem a um contexto de revelação e visibilidade dos corpo negros, também nos remetem a um passado traumático da escravidão no Brasil. Em todo caso, trata-se de homens que carregam e mantém a luz acesa, que iluminam e são iluminados, que têm suas presenças fortemente marcadas no espaço por suas sombras que se alongam como gigantes sentinelas nas paredes.

Ambiguidade da imagem que busquei produzir através dessas esculturas performadas é algo que, creio ser capaz de ativar o imaginário do espectador para pensar nas questões que emergem e perpassam o trabalho, pois ao pôr em cena um sujeito *Sombra, Invisível* ou *Ninguém*, encarnam se as consequências de um processo que reverbera ainda hoje.

De modo geral o conjunto de trabalhos não tem o sentido de representar de algum modo um passado traumático, assim como alerta Huyssen, mas objetivam evidenciar um processo ainda muito latente. Elas convidam o espectador ao encontro de imagens ambíguas que propõem uma reflexão sobre questões turvas e sombrias de nosso passado e nos põe em alerta para um melhor entendimento do presente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

ALEIXO, Ricardo. **Pesado demais para a ventania**. São Paulo: Editora Todavia, 2018

ASSUMPÇÃO, José Euzébio. **Pelotas: Escravidão e Charqueadas**. Porto Alegre: FMC Editora, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente, modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.